

Epagri lança embarcação que mecaniza a colheita de mexilhões

A Epagri lançou no mar uma plataforma mecanizada que facilita o trabalho dos maricultores na colheita dos mexilhões. O equipamento, desenvolvido pelo Centro de Desenvolvimento em Aquicultura e Pesca (Epagri/Cedap), é capaz de tirar da água, individualizar, lavar e classificar os mexilhões por tamanho sem exigir esforço braçal do produtor. Além de melhorar a eficiência e a ergonomia dessas tarefas, a plataforma permite realizá-las ainda no mar.

De acordo com o pesquisador André Luís Tortato Novaes, da Epagri/Cedap, quando esse trabalho é realizado manualmente, uma pessoa consegue processar entre 250kg e 300kg de mexilhões por hora. “A capacidade do equipamento será determinada nos testes, mas a proposta do equipamento é multiplicar esse número por dez”, afirma.

A plataforma está sendo testada em fazendas marinhas comerciais. O objetivo é avaliar o desempenho operacional e ergonômico dos equipamentos e fazer os ajustes necessários antes de liberar a fabricação. Quando o protótipo estiver adequado, a Epagri vai realizar eventos para divulgar a tecnologia para os maricultores.

Apesar do crescimento dessa cadeia produtiva nos últimos anos, o trabalho

de quem produz mexilhões ainda é muito rudimentar. “A colheita concentra o maior número de operações, demandando grande volume de trabalho e esforço físico dos produtores. Isso gera desperdício de recursos e exposição dos trabalhadores a riscos de ocorrência de doenças ocupacionais, como os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho”, conta André. Problemas nas pernas, nos braços e na coluna, além de cortes pelo corpo, são comuns entre os maricultores.

Mais barato

Outra vantagem do equipamento catarinense é o custo. Países como Espanha, Nova Zelândia, Chile, França e Holanda já mecanizam esses processos, mas a importação torna a tecnologia economicamente inviável para os produtores catarinenses. Além disso, os equipamentos ainda teriam que ser adaptados às características locais de cultivo. “Apenas uma das máquinas usadas na plataforma, se fosse importada da Espanha, custaria R\$140 mil. Aqui na Grande Florianópolis, construímos o protótipo dessa máquina com R\$22 mil”, exemplifica André.

O projeto foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação

do Estado de Santa Catarina (Fapesc) e contou com a participação de empresas locais na fabricação do protótipo: Hydreco Hydraulics, que produziu as máquinas, e a Rhino Tech Boats, que fabricou a plataforma. “Além dessas, a Sec Boats, de Palhoça, está interessada em disponibilizar um protótipo otimizado de embarcação”, acrescenta André. Quando a solução estiver no mercado, a ideia é que os produtores possam comprar as máquinas individualmente, de acordo as operações que queiram mecanizar.

Liderança nacional

O estado de Santa Catarina é o maior produtor nacional de moluscos bivalves (mexilhões, ostras e vieiras). Na safra de 2015, produziu 20,4 mil toneladas. O cultivo de mexilhões contribui com 85% desse total, respondendo por 17,3 mil toneladas. Na última safra, 495 empreendimentos se dedicaram à produção de mexilhões, o que representa 87% do contingente de fazendas marinhas em atividade do Estado. A facilidade de comercialização e a menor exigência de manejo nos cultivos são fatores que influenciam a adesão dos produtores ao cultivo de mexilhões. ■



Foto: Cedap/Epagri

UFSC desenvolve hidrogel curativo à base de casca de banana

Um grupo de seis pesquisadores do Laboratório de Morfogênese e Bioquímica Vegetal da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) conquistou uma patente pelo estudo do potencial cicatrizante de compostos bioativos presentes em cascas de banana orgânica e pelo desenvolvimento de um hidrogel curativo. O fármaco à base de extrato aquoso das cascas da fruta foi mais eficaz na cicatrização quando comparado a outro curativo similar disponível no mercado. O projeto recebeu apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc) no Programa Universal.

O método de extração dos compostos das cascas de banana prata-anã levou à obtenção do registro de uma Patente de Processo junto ao Departamento de Inovação Tecnológica da UFSC, em parceria com a Epagri e o Laboratório Nacional de Biociências (LNBio). Nos testes em laboratório realizados com camundongos, o hidrogel promoveu total cicatrização da lesão em menor período de tratamento, comparativamente aos animais dos grupos de controle.

A grande vantagem no uso desse material como fonte dos compostos bioativos é que as cascas são um resíduo gerado pela indústria de alimentos pouco explorado, utilizado geralmente em compostagem ou apenas descartado. “Os extratos demonstraram potente atividade cicatrizante, sugerindo que a seleção de espécies para o desenvolvimento de fitofármacos é bastante útil, podendo inclusive agregar valor a um resíduo da indústria”, explica Aline Pereira, coordenadora da pesquisa, tema

que resultou em sua tese de doutorado em Biotecnologia e Biociências.

O produto, puro e contendo o extrato em sua composição, não apresentou sinais de citotoxicidade no ensaio *in vitro* e demonstrou valor de pH próximo ao fisiológico, sendo considerado biocompatível. Ele pode ser utilizado em lesões na pele e para a cicatrização de pequenos cortes.

As amostras para realizar esse estudo foram obtidas na Estação Experimental de Urussanga (Epagri/EEUr).■

Poucos estudos na área

A casca de banana tem uso popular como agente cicatrizante, mas existem poucos estudos relacionados ao seu aproveitamento, mesmo em outras áreas de pesquisa. “Alguns artigos tratam de diferentes aplicações práticas para a casca de banana, por exemplo: a produção de álcool, metano, alimentação para gado ou adsorventes à purificação de água”, relata Aline Pereira.

Por ser produto natural, a casca também poderia ser usada como composto funcional na nutrição humana e nos cuidados com a saúde. “Compostos fenólicos, flavonoides, ácidos graxos, fitoesteróis e carotenoides são alguns compostos de alto valor já identificados em cascas de bananas”, completa Aline.



Foto: Luiz Augusto Peruch/Epagri

A pesquisa abre novas possibilidades de uso para a casca da fruta

Nova praga de pastagens é identificada em Santa Catarina

Um grupo de pesquisadores liderados pelo entomologista da Epagri Leandro do Prado Ribeiro identificou em Santa Catarina uma nova praga que infesta pastagens de grama-bermuda (*Cynodon dactylon*), especialmente o cultivar Jiggs. Trata-se da mosca-da-grama-bermuda *Atherigona (Atherigona) reversura* Villeneuve, 1936 (Insecta, Diptera, Muscidae), espécie até então não relatada na América do Sul.

A praga, encontrada em abril de 2015 em pastagens de Abelardo Luz, Chapecó, Palmitos e Videira, nas regiões Oeste e Meio-Oeste do Estado, foi analisada inicialmente no Laboratório de Entomologia do Centro de Pesquisa para a Agricultura Familiar (Epagri/Cepaf), em Chapecó. Por meio de características morfológicas (genitálias de machos) e análises moleculares baseadas na amplificação do gene mitocondrial citocromo oxidase I (COI), ela foi identificada pelos pesquisadores da Epagri com a colaboração do professor Claudio de Carvalho, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e da professora Kirsten



Fotos: Ribeiro et al. (In press)

Esse é o primeiro relato de ocorrência da mosca-da-grama-bermuda na América do Sul

Lica Haseyama, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A mosca-da-grama-da-bermuda coloca seus ovos nas plantas e, quando eles eclodem, as larvas se alimentam dos perfilhos (brotações) da pastagem. “A morte das folhas apicais de perfilhos infestados é decorrente do dano no tecido vascular, que conduz a uma redução significativa no crescimento das plantas, reduzindo a produção de biomassa de forragem em áreas já estabelecidas e dificultando o estabelecimento de novas áreas com espécies vegetais hospedeiras do inseto-praga”, explica Leandro.

Segundo o pesquisador, esse inseto ocorre em diversos países do Hemisfério Oriental e da região da Australásia. Em 2010, foi detectado no sul da Geórgia, nos Estados Unidos e, mais recentemente, foi encontrado no sul do México. “Embora a porcentagem de perfilhos danificados seja variável de acordo com o cultivar, a praga causou uma diminuição média de 7,7% da biomassa seca total de diferentes cultivares de *Cynodon* e perdas significativas na qualidade da forragem produzida em estudos conduzidos nos Estados Unidos”, conta. No entanto, Leandro ressalta que o inseto tem maior preferência pelo cultivar Jiggs em virtude de características morfológicas estruturais da planta (perfilhos mais tenros) que favorecem o desenvolvimento da praga.

Os cultivares de pastagem atacados pela mosca-da-grama-bermuda são amplamente utilizados em todas as regiões de Santa Catarina por conta de sua produtividade e adaptação às condições de clima e solo do Estado. Estima-se que cultivares de grama-bermuda sejam utilizados em pelo menos 70% das propriedades produtoras de leite do Estado.

Em todo o Estado

De acordo com Leandro, a hipótese mais provável é que a praga tenha entrado no Estado com a importação de material propagativo (mudas) de pastagens. Em visitas a outras regiões catarinenses, o pesquisador identificou que o inseto já está espalhado no território barriga-verde. “É cedo para dizer quais serão os efeitos dessa praga no Estado. Ela pode se alastrar e causar prejuízos ou ter inimigos naturais que vão ajudar a contê-la”, explica.

A próxima etapa, que envolve a *Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina* (Cidasc) e o *Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento* (Mapa), é monitorar a praga para avaliar sua dispersão e seu estabelecimento em Santa Catarina e, então, estudar a necessidade de adotar estratégias de contenção e controle. A Epagri está envolvida no treinamento de técnicos desses dois órgãos. ■



As larvas se alimentam das brotações da pastagem e danificam o tecido vascular

Udesc introduz cultivares italianos de morango no Brasil

Com o objetivo de disponibilizar novas opções aos produtores e consumidores de morango, o Centro Ciências Agroveterinárias (CAV) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), em Lages, está introduzindo no mercado nacional dois novos cultivares de morangueiros originários da Itália. Mudanças da variedade Pircinque já estão sendo fornecidas para produtores de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo. Outro cultivar, o Jonica, deve entrar no mercado em 2017.

O morango Pircinque possui baixa exigência de horas de frio, precisa de menos nutrientes para se desenvolver e é indicado para o cultivo orgânico. O resultado é um fruto de tamanho maior, mais saboroso, com maior concentração de açúcar, classificado como "superdoce", e que possui qualidade superior e manejo facilitado.

O projeto para a introdução de novas seleções e cultivares de morangueiros italianos iniciou em 2012 na Udesc com o objetivo de avaliar a adaptabilidade de novos genótipos nas principais regiões produtoras do Brasil. Entre dez diferentes genótipos, os cultivares Pir-

cinque e Jonica apresentaram maior potencial.

A Udesc de Lages registrou os cultivares, tornando-os novas opções comerciais no mercado brasileiro. "O fruto de Pircinque possui maior durabilidade na prateleira, o que atrai o produtor e o consumidor, já que a qualidade da fruta é mantida por maior período de tempo após a colheita", explica o doutorando em Produção Vegetal da Udesc, Antonio Fagherazzi.

Parte do projeto foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e coordenado pela professora da Udesc Aike Anneliese Kretzschmar. A expectativa é tornar o fruto conhecido no mercado nacional e fidelizar os consumidores. "A comercialização de Pircinque está sendo acompanhada e pode-se constatar que o produtor que realiza o cultivo do fruto consegue agregar valor ao produto", diz Fagherazzi.

Boa aceitação no mercado

O cultivar Pircinque, com baixa exigência em horas de frio, foi obtido em 2004 por meio de um projeto de melho-

ramento genético conduzido pelo Conselho para a Pesquisa e a Experimentação na Agricultura – Unidade da Fruticultura de Forlì (CRA-FRF), entidade de pesquisa do governo italiano. Em 2010, foi introduzido no mercado europeu como uma nova espécie.

Na Udesc de Lages, o morango Pircinque chegou há cinco anos e, de acordo com o pesquisador Antonio Fagherazzi, a divulgação do produto feita em estados como Minas Gerais e São Paulo já demonstra boa aceitação. "O produtor nota que se paga mais caro, mas que o fruto possui qualidade maior", disse. Fagherazzi acredita que a introdução do material genético italiano abrirá espaço para que, futuramente, se crie uma marca de morangos. "Gostaríamos de criar um morango nacional, com qualidade avançada, adaptando-se ao clima local", conclui o pesquisador.

Em Santa Catarina, já há produção em São João do Sul e nas regiões de Itajaí, Lages, Pinheiro Preto e Bandeirantes. Os interessados em conseguir mudas devem entrar em contato pelos telefones (54) 9923 4304 e (54) 9626 8761. ■



Foto: Udesc, Lages

Epagri lança feijão carioca de alto potencial produtivo

A Epagri acaba de lançar o SCS205 Riqueza, um cultivar de feijão carioca de alto potencial produtivo e com grãos maiores dos que os disponíveis para cultivo no sul do Brasil. “O feijão carioca não é muito consumido no mercado catarinense, porém sua produção interessa aos agricultores do Estado porque atende à demanda dos consumidores de outras regiões, como São Paulo e Rio de Janeiro”, explica Sydney Antonio Frehner Kavalco, pesquisador em melhoramento vegetal do Centro de Pesquisa para a Agricultura Familiar (Epagri/Cepaf), em Chapecó.

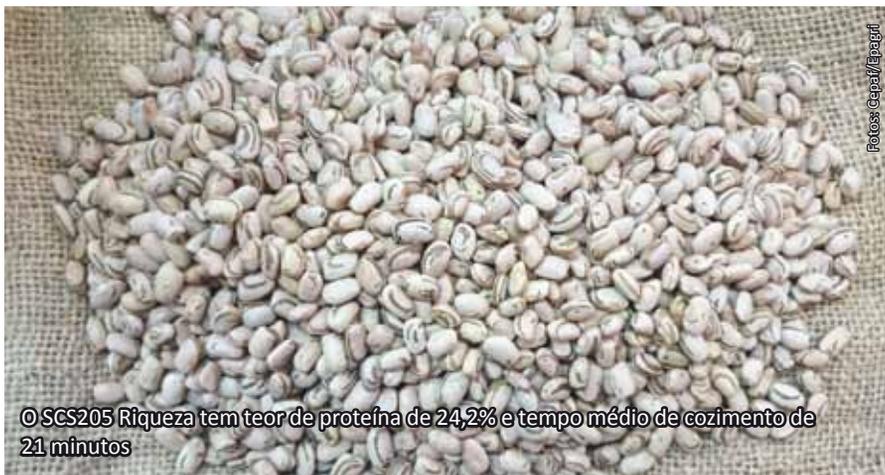
Entre as vantagens do novo cultivar estão o bom desempenho agrônomo, a estabilidade de produção e o rendimento industrial elevado. Nos ensaios realizados pela Epagri, ele revelou potencial produtivo de 4,2t/ha e rendimento médio de 3,4t/ha em Santa Catarina. O Riqueza também apresenta teor de proteína de 24,2% e tempo médio de cozimento de 21 minutos.

Para obter o cultivar foram necessários cerca de 15 anos de pesquisa, que envolveram cruzamento de genitores, seleção e identificação de linhagens superiores ao longo das safras. Esse trabalho também incluiu experimentos de Valor de Cultivo e Uso (VCU) em 29 ambientes dos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul entre 2010 e 2012. Nos testes, o feijão Riqueza apresentou desempenho agrônomo 14% superior em relação às testemunhas utilizadas.

O novo cultivar da Epagri está registrado no Ministério da Agricultura e é recomendado para cultivo nas duas épocas de semeadura (safra e safrinha) nos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, de acordo com o Zoneamento Agrícola de Risco Climático do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). A Epagri está buscando parceiros interessados em multiplicar as sementes, que serão disponibilizadas aos agricultores para plantio na safrinha de 2017 (janeiro/fevereiro).

Genética para o campo

O cultivar é produto do Programa de Melhoramento Genético de Feijão da



Epagri. Coordenado pela Epagri/Cepaf, o programa busca desenvolver, avaliar e difundir novos cultivares que contribuam para o aumento e a estabilidade da produção e da renda dos agricultores. “Em Santa Catarina, as etapas de avaliação de cultivares e linhagens sob diferentes condições edafoclimáticas são realizadas com a participação das Estações Experimentais da Epagri em Campos Novos, Canoinhas, Ituporanga e Urussanga, além do Centro de Ciências Agroveterinárias da Universidade do Estado de Santa Catarina”, conta o pesquisador Sydney.

A Epagri lançou há dois anos o cultivar de feijão SCS204 Predileto, que é do grupo comercial preto, também com alto potencial para o rendimento de grãos, com 23,5% de teor de proteína e tempo de cozimento de 18 minutos. A Empresa trabalha no desenvolvimento de cultivares dos grupos preto, carioca, branco e vermelho, que devem atender

à demanda de consumo de determinadas regiões catarinenses e do Sul do Brasil.

Maior produtor

O Brasil é o terceiro maior produtor e o segundo maior consumidor de feijão do mundo, com área cultivada de 2,8 milhões de hectares e produção de 2,9 milhões de toneladas. A agricultura familiar é responsável por aproximadamente 70% da produção nacional. Em Santa Catarina, o cultivo ocorre em todas as regiões, com destaque para os Planaltos Norte e Serrano na safra e para o Oeste e o Litoral Sul na safrinha.

Para mais informações sobre os cultivares SCS205 Riqueza e SCS204 Predileto, basta entrar em contato com a Epagri/Cepaf pelo telefone (49) 2049 7510 ou pelo e-mail cepaf@epagri.sc.gov.br. ■



SC sanciona lei que isenta microprodutor rural de pagar ICMS

O governador de Santa Catarina, Raimundo Colombo, sancionou a lei que isenta os microprodutores rurais do Estado de pagar ICMS. A Lei do Microprodutor Rural garante tratamento diferenciado para cerca de 250 mil agricultores, pecuaristas familiares e pescadores artesanais. O impacto da medida aos cofres públicos deve ser de R\$160 mil ao ano.

“Além de incentivar a agricultura familiar e o turismo rural, a isenção deve tirar os pequenos produtores catarinenses da informalidade”, diz o governador. A regulamentação tem 120 dias para ocorrer a partir da publicação no Diário Oficial do Estado, realizada em 25 de julho.

Até a criação da lei, não havia qualquer isenção para a venda de pães, bolachas, mel e outros itens artesanais, o que obrigava o produtor a pagar os mesmos 17% de ICMS cobrados dos grandes comerciantes. “Com a isenção do imposto, os agricultores poderão agregar valor aos produtos coloniais e

isso trará mais riqueza para dentro da propriedade. Sem esquecer que esses produtos são uma característica cultural de Santa Catarina e têm um mercado consumidor que pode crescer ainda mais”, avalia o secretário da Agricultura, Moacir Sopelsa.

Estarão livres do pagamento de ICMS os produtores que somarem até R\$120 mil ao ano em vendas para o consumidor final – a conta não inclui a ven-

da para estabelecimentos comerciais. Para comprovar que é um pequeno produtor rural, é preciso ter faturamento inferior a R\$360 mil ao ano. Além disso, a área da propriedade deve ter até quatro módulos fiscais e a atividade agrícola deve ser exercida pela família como principal meio de subsistência. É necessário, também, estar inscrito no Cadastro de Produtor Primário da Secretaria da Fazenda. ■



Cada real investido na Epagri gera R\$ 3,59 para os catarinenses

O retorno social das tecnologias e ações da Epagri para Santa Catarina alcançou R\$1,2 bilhão em 2015. Isso representa um retorno de R\$3,59 para cada real investido na Empresa. Os dados são do Balanço Social de 2015. “Se para diversos segmentos da economia 2015 não foi um ano fácil, os setores agropecuário e aquícola conseguiram prosperar e crescer, transpondo as barreiras do mercado e as adversidades do clima”, avalia o presidente da Epagri, Luiz Ademir Hessmann.

Esses valores levam em conta benefícios econômicos, sociais e ambientais, calculados com base em 110 soluções tecnológicas produzidas e difundidas pela Epagri. Na lista estão novos cultivares, tecnologias e também ações de melhoria do setor produtivo de Santa Catarina. Em relação ao ano anterior, foram incluídas nos cálculos 15 avaliações – quatro cultivares e 11 tecnologias.

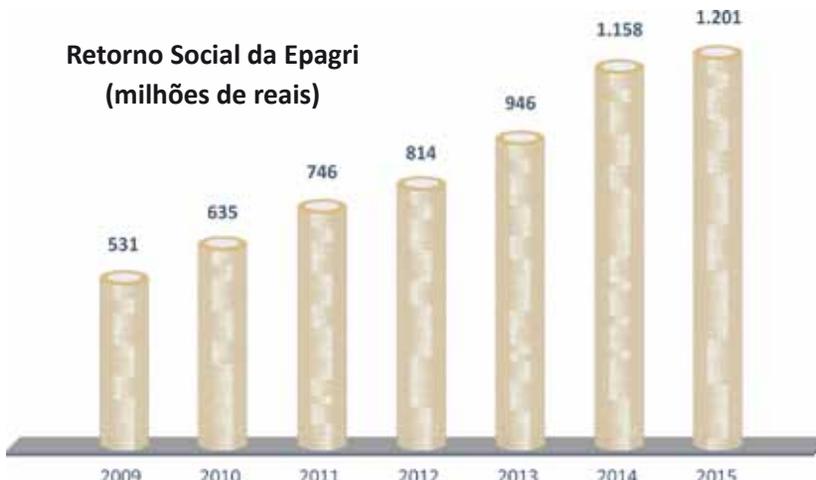
Os impactos dessas soluções foram calculados na forma de aumento da produtividade de culturas ou criações, redução de custos de produção, agregação de valor aos produtos e expansão da produção agropecuária e aquícola para novas áreas.

Desde 2009, quando a Epagri publicou seu primeiro Balanço Social, o retorno social atri-

buído à Empresa saltou de R\$531 milhões para o atual R\$1,2 bilhão. “O mais importante é que, por trás de gráficos e cifras, temos o esforço e a perseverança do homem do campo e do mar, que não se deixam abater pelas dificuldades e trabalham para fazer a sua parte, ajudando a construir um Estado cada vez melhor e mais competitivo”, destaca Hessmann.

Em 2015, a Epagri atendeu 115.581 famílias e 2.712 entidades em todo o Estado, dando apoio, capacitação, orientando sobre novas tecnologias e acompanhando o dia a dia dos produtores. ■

Retorno Social da Epagri
(milhões de reais)



Químico da Epagri desenvolve método rápido para avaliar o princípio ativo do guaco

O químico da Estação Experimental de Itajaí (Epagri/EEI), Fabiano Cleber Bertoldi, desenvolveu um método analítico mais rápido e econômico para determinar a principal substância ativa do extrato de guaco (*Mikania glomerata* Sprengel): a cumarina. Essa substância, por ser um dos principais constituintes do vegetal, também é classificada como marcador químico da espécie no controle de qualidade de formulações que têm a planta como base.

Bertoldi explica que a técnica pode reduzir o tempo de análise em até 95%, uma vez que existem métodos que chegam a 20 minutos. “Além do tempo reduzido, essa análise gera menos resíduos, seguindo, dessa forma, os princípios da química verde”, diz ele. Para dar mais credibilidade ao trabalho, o método foi confirmado no Laboratório de Espectrometria de Massas ThOMSon, do Instituto de Química da Universidade de Campinas, referência na área.

A descoberta de Bertoldi é de grande importância para a sociedade, pois os medicamentos fitoterápicos à base



Fabiano Bertoldi diz que a técnica pode reduzir o tempo de análise em até 95%

de guaco vêm sendo utilizados em larga escala pelo Sistema Único de Saúde (SUS) no tratamento de doenças do aparelho respiratório. O guaco faz parte da lista de registro da Anvisa e está no elenco de referência de medicamentos e insumos complementares para a assistência farmacêutica na atenção básica em saúde.

A recomendação da Anvisa é de que a dose diária máxima de cumarina seja de 4,89mg. “Portanto, a quantificação dessa substância é importante para verificar a eficiência e a qualidade do medicamento, bem como prevenir efeitos colaterais em decorrência do uso excessivo, que pode causar vômitos, diarreias e hipertensão”, afirma o químico. Segundo a Farmacopeia Brasileira para guaco-cheiroso, o controle de qualidade de extratos de guaco é baseado no teor de cumarina mínimo de 0,1%.

Apenas um minuto

Bertoldi desenvolveu o método durante pesquisas desenvolvidas com o objetivo

de lançar em breve o primeiro cultivar de guaco do mundo. Ao realizar análises de diferentes acessos de guaco do Banco de Germoplasma de Plantas Bioativas da Epagri/EEI, bem como de experimentos de cultivo em outros municípios, ele observou que era gasto um tempo considerável para a quantificação da cumarina e que o processo era oneroso por conta dos solventes químicos usados. O mesmo problema era enfrentado pela indústria de fitoterápicos local. “Nosso trabalho propôs estabelecer um método analítico rápido e confiável, chegando ao resultado em apenas um minuto”, diz.

O novo método já ganha elogios e futuros adeptos, como é o caso da Indústria Tauens Farmacêutica, de Tubarão. “O desenvolvimento de técnicas para o rápido doseamento dos marcadores químicos de fitoterápicos é de interesse da indústria farmacêutica, pois diminui o consumo de solventes, agiliza o processo de validação e revalidação da técnica e reduz o tempo de espera para liberação da produção quando da realização dos controles de processo produtivo. A implantação da técnica desenvolvida pela Epagri vai gerar um grande impacto na rotina do laboratório de controle de qualidade”, diz o empresário Luiz Kanis. ■

O guaco é usado para produção de medicamentos distribuídos pelo SUS desde 2009

Produção de arroz no Sul Catarinense cresce 4,9%

As regiões de Araranguá, Criciúma e Tubarão, no sul de Santa Catarina, produziram 676 mil toneladas de arroz na safra 2015/2016, gerando um valor bruto de produção de R\$568 milhões. “O resultado da última safra no Sul Catarinense foi considerado bom, sendo 4,9% superior quando comparado ao rendimento médio das últimas nove safras. Isso, aliado ao bom preço do arroz no mercado, tem deixado os produtores animados”, avalia

Douglas George de Oliveira, extensionista da Epagri na Gerência Regional de Araranguá.

De acordo com o levantamento realizado pela Epagri com a participação de mais de 560 agricultores, a região de Tubarão foi a que apresentou maior aumento de produção em relação à safra passada: 6,15%, com produção total estimada em 164 mil toneladas em 22.195ha, o que equivale a uma produtividade de 7.389kg/ha. A região

de Criciúma teve produtividade média 5,5% acima da registrada na safra 2014/2015, chegando 7.171kg/ha em cerca de 20.500ha. A região de Araranguá, a maior produtora do Estado, com mais de 30% da área plantada, registrou aumento de 1,72%. A produção foi de 364 mil toneladas, com rendimento de 7.086kg/ha em 51.404 hectares.

A safra 2015/2016 foi marcada pela ocorrência do El Niño, que trouxe chuva muito acima da média desde o final de setembro até o início de dezembro, muitos dias nublados e poucas horas de sol, além de baixas temperaturas. As lavouras semeadas muito cedo foram as mais impactadas e registraram produção muito abaixo da média. “Isso provocou certa preocupação com relação ao que aconteceria com o resto da safra. Porém, os meses de janeiro e fevereiro foram extremamente favoráveis ao desenvolvimento do arroz em seu período reprodutivo, o que ajudou as lavouras a se recuperarem e apresentarem boas produções, permitindo esse aumento na produção global do sul do Estado”, destaca Douglas. ■



Foto: Nilson Teixeira/Epagri

Boa colheita foi influenciada pelas condições do tempo em janeiro e fevereiro

Basf entrega R\$800 mil em royalties à Epagri

Epagri celebrou nove anos de parceria com a Basf no desenvolvimento do Sistema de Produção Clearfield de Arroz em Santa Catarina. Em reunião realizada em junho, a Basf formalizou o repasse à Epagri de R\$800 mil, relativo aos royalties das sementes das variedades Clearfield comercializadas em 2015.

O sistema é desenvolvido numa parceria entre a Basf, a Epagri e a Associação Catarinense dos Produtores de Sementes de Arroz Irrigado (Acapsa). Ele permite ao produtor otimizar seus recursos e melhorar a produtividade das lavouras, pois é eficiente no manejo do arroz daninho, que é o grande inimigo da rizicultura catarinense. A presença dessa planta indesejável nas lavouras provoca menor aproveitamento da adubação nitrogenada, redução na produtividade, maior custo de produção, menor rendimento de engenho e depreciação do produto colhido.

Dentro do Sistema Clearfield, cabe à Epagri desenvolver cultivares resistentes ao herbicida que ataca o arroz daninho, permitindo fazer o uso racional de produtos químicos na lavoura. A Basf é responsável pelo monitoramento da multiplicação e comercialização das sementes e pela arrecadação dos royalties pagos pelos usuários da tecnologia. Também comercializa os produtos recomendados para o sistema. “Os recursos repassados à Epagri novamente são investidos em pesquisa para que a instituição possa continuar o desenvolvimento tecnológico que irá beneficiar produtores e consumidores”, esclarece José Alberto Noldin, gerente da Estação Experimental de Itajaí

(Epagri/EEI).

Desde 2007, a Epagri/EEI desenvolveu três cultivares de arroz Clearfield: SCS115 CL, SCS117 CL e SCS121 CL. A Epagri também produz e disponibiliza as sementes genéticas e básicas, que são multiplicadas e comercializadas por membros da Acapsa. ■



EEI/Epagri

Cultivares de arroz Clearfield são desenvolvidos pela Epagri